

Padre Amaro Gonçalves:

“É uma tristeza ouvir um padre debitar palavras, que ele próprio não digere..”

Amaro Gonçalves Ferreira Lopes nasceu a 28 de fevereiro de 1966 em Eiriz, Paços de Ferreira. Desde sempre a sua paixão era o ensino: “Eu, desde que me lembro, dizia que queria ser professor primário”, confidencia o Padre Amaro Gonçalves. Quisemos saber junto de si como nasceu a vocação para seguir o caminho de Deus: “Na verdade, ser Padre foi uma possibilidade que enfrentei, a sério, só pelos meus dezoito anos. Até então, eu tinha um certo fascínio pela Igreja. Gostava muito de ir à Missa, e, por vezes, até em dias de semana. Fui leitor, acólito e catequista! Mas nunca julguei ter qualidades para ser Padre. Queria apenas ser um bom cristão, um amigo fiel a Jesus, um discípulo Seu. Só mais tarde, depois do 11º ano, quando eu pensava ainda ser professor do 1º ciclo e frequentava para tal um Curso, é que me decidi a iniciar a minha preparação para o sacerdócio. E, na altura em que fui crismado, conversei com o Bispo! Ele ouviu as minhas razões e sentimentos e achou que eu devia pensar a sério no assunto. Frequentei então um ano o Pré-seminário (ia ao seminário de vez em quando, estando ainda em casa) e logo depois entrei no Seminário Maior, com 18 anos. Lá estive seis anos, até ser ordenado diácono, com 24 anos de idade”. De 18 de outubro de 1992 a 20 de Setembro de 2008 foi Pároco de Amarante (São Gonçalves) e de São Veríssimo, estando assim, em Amarante, cerca de 16 anos. Está na Paróquia da Senhora da Hora, há mais de quatro anos.

“Quando cheguei, em 1992, o número de colaboradores pastorais não chegava a uma dezena e a paróquia estava num estado de anemia espiritual!”

Retrata a sua estadia, em Amarante, como “tempos de grande paixão, de grande dedicação, de grande entusiasmo, em que procurei envolver a comunidade, de modo a torná-la viva, familiar, próxima, acolhedora, formada, formadora e reformadora, aberta ao mundo, comprometida com o meio, polo de atração e de irradiação pastoral”. Conta que “quando cheguei, em 1992, o número de colaboradores pastorais não chegava a uma dezena e a paróquia estava num estado de anemia espiritual. Ano após ano, a comunidade foi crescendo e amadurecendo”. Após a sua saída, vários são os paroquianos que ainda recordam as homilias do Padre Amaro Gonçalves. Para o Sacerdote, essas pessoas “permanecem no meu coração”, dizendo que as recorda nas suas orações. Eu posso dizer que cada uma das pessoas me marcou, de modo inapagável e impagável; posso dizer que aí estive, não de passagem, não de miragem, não a fazer turismo religioso, mas de corpo inteiro, de alma entregue, a todos e a cada um, como se aí tivesse de gastar toda a minha vida.

“Se há dívida, é a de Amarante em relação ao esforço que fiz e ao legado que lhes deixei”

No entender do Padre Amaro Gonçalves, o projeto de construção do centro pastoral “foi importante para unir forças, para mobilizar vontades, para reunir esforços, para dinamizar a participação, para consciencializar e ampliar o sentido de pertença à comunidade e de serviço ao mundo. Foi uma aventura inesquecível, em que Deus realizou muito mais do que seria de esperar, em razão das minhas fraquezas. Estou muito grato a Deus, por isso”. Confrontado com as alegadas dívidas que foram contraídas com a construção desse empreendimento, diz que “toda a gente sabe que foi contraído um empréstimo de um milhão de euros (200 mil contos), para um prazo de vinte anos (2003-2023), metade dos quais estão praticamente transcorridos. Mas toda a gente sabe ou deve saber outras coisas: que

a obra ficou por mais de 2 milhões e seiscentos mil euros (520 mil contos, para falar em dinheiro antigo). São contos que tenho ainda de cabeça. Portanto conseguimos, sob o meu governo pastoral, 500.000 € (100 mil contos) de financiamento do Estado e 150.000 euros da Câmara, sendo o remanescente em donativos dos paroquianos. Acresce que o modo polivalente de funcionamento do Centro Pastoral, tal como foi concebido, não um peso ou um elefante branco, mas uma mais-valia pastoral e uma fonte de receita, perfeitamente à altura dos custos de funcionamento e financiamento. Se há dívida, é a de Amarante em relação ao esforço que fiz e ao legado que lhes deixei. Mas fi-lo com todo o gosto e não preciso que mo agradeçam.

“É uma discordância [em relação ao bispo], quanto à sua forma de pensar o lugar do Padre no Colégio de S. Gonçalves e o papel pastoral da Escola Católica, na Diocese”

Durante dois anos trabalhou no Colégio de S. Gonçalves, em Amarante- “eu sentia que a minha missão pastoral, em Amarante, podia ser potenciada e enriquecida, na articulação com o Colégio Diocesano de São Gonçalves, que deveria ser cada vez mais uma escola “de Igreja”, e não apenas uma boa escola “da” Igreja. O Bispo que me nomeou, Dom Armindo, por sugestão do próprio Monsenhor Clemente, tinha esse entendimento e esse projeto. E eu abracei-o com enorme paixão, até porque, como disse, a Educação era (e é e continua a ser), uma grande paixão minha, a que dediquei algum tempo formativo específico e que desejo ainda aprofundar. Estive dois anos, no Colégio, num tempo duro, belo e breve. Pelas suas características, o Colégio é, de facto, uma grande comunidade educativa, com potencialidades fabulosas, para dele se fazer uma escola de qualidade, mas também uma comunidade eclesial, um instrumento pastoral, um lugar de formação e de crescimento de cristãos, para este tempo. Creio, por isso mesmo, que o Colégio nunca deverá deixar de ter um padre competente à sua frente, mesmo que numa direção mais colegial e participada. Isso não retiraria o espaço próprio dos leigos, que podem



e devem ter, na direção, administrativa e pedagógica, um espaço próprio. Mas se o colégio é uma comunidade eclesial, como o dizem reiteradamente os documentos da Igreja, é importante a referência sacerdotal, que sinalize a sua natureza diocesana e eclesial e assegure a sua condução pastoral.” Face aos argumentos anteriormente apresentados, o entrevistado revela uma discordância em relação ao bispo responsável pelo Colégio, “quanto à sua forma de pensar o lugar do Padre no Colégio e o papel pastoral da Escola Católica, na Diocese. Aliás, ele sabe que não estou sozinho nesta posição. Apesar disso, pus sempre acima do que penso e desejo, a minha obediência e a comunhão com a Igreja, na qual me torno homem livre”.

“O celibato é, no mundo, um sinal de contradição, como aliás, o é o próprio ministério sacerdotal”

Na opinião do entrevistado, “o celibato não pode ter um sentido “funcional” como se fosse uma condição prática, para uma vida mais disponível. Não pode ser reduzido a uma espécie de “castração” da afetividade,

como se a sexualidade fosse um campo de contaminação do sagrado. Se o celibato tem algum sentido profético, é exatamente por lembrar à sexualidade humana, que a sua dimensão mais fecunda é a entrega, a doação, a relação, a comunhão interpessoal”, adianta o entrevistado. Mas afinal, em que difere o Padre do Homem comum? A esta questão Amaro Gonçalves refere que “dentro da Igreja, o padre permanece homem, com as suas qualidades e defeitos. Fora da Igreja, aquele homem permanece padre. Não alinhio nessa espécie de esquizofrenia vocacional, separando dimensões (humana e sacerdotal) que, de facto, não se justapõem, mas se integram mutuamente. Ser padre é como ser «pai»; esclarece. No seu entender, sente que “não devo reservar, só para mim, o trabalho que faço, e afinal, também com a ajuda de outros. A partilha «On-line» é um sinal de comunhão na missão, sinal de abertura e receptividade. Sinal de que não me envergonho do que penso e proponho, sinal de que não tenho medo de me expor à crítica. finaliza.

Texto: Ricardo Pinto